

A PRONÚNCIA DE (-R) EM CODA SILÁBICA NO PORTUGUÊS PAULISTANO¹

Livia OUSHIRO²
Ronald Beline MENDES³

RESUMO: Baseado nas premissas teórico-metodológicas da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2006 [1966]), este trabalho apresenta uma análise multivariada da pronúncia de (-r) em coda silábica como tepe ou retroflexo num *corpus* contemporâneo e robusto do português paulistano, composto de 102 entrevistas sociolinguísticas. A distribuição geral dos dados indica que a atual taxa de retroflexo é de aproximadamente 33% na fala de paulistanos nascidos e criados na cidade. Linguisticamente, os resultados apontam para o favorecimento da variante retroflexa em contextos em que o (-r) é precedido por vogal [-alta], seguido de consoante [coronal], em verbos, em sílabas tônicas e em final de palavra; socialmente, o retroflexo é favorecido entre moradores de regiões mais periféricas, com menor mobilidade geográfica, menos escolarizados, do sexo masculino e pertencentes a famílias menos enraizadas na cidade de São Paulo. O construto “tempo aparente” (LABOV, 2001a) sugere possível mudança em progresso em favor do retroflexo, mas há indícios de movimentos divergentes dentro da comunidade. O interesse aqui se volta principalmente à discussão dos resultados dos grupos de fatores sociais, a fim de avaliar os graus de estigma/prestígio das variantes, as identidades sociais que se associam a seu emprego e o seu papel em processos de variação e mudança linguística.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística Variacionista. Português Paulistano. (-r) em coda silábica. Identidade.

¹ Este artigo é resultado de pesquisa financiada pela FAPESP (Proc. 2011/09122-6).

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (DL-USP), São Paulo – SP, Brasil. livia.oushiro@usp.br

³ Professor Doutor do Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (DL-USP), São Paulo – SP, Brasil. rbeline@usp.br

Introdução

A pronúncia variável de (-r)⁴ em coda silábica, em palavras como “porta” e “mulher”, é um dos índices mais salientes de diferenciação dialetal no português brasileiro (CALLOU; MORAES; LEITE, 1996; MENDES, 2010) e tem sido objeto de diversos estudos sociolinguísticos nos últimos anos, em diversas comunidades (ver p.ex. BRANDÃO, 2007; BRESCANCINI; MONARETTO, 2008; CALLOU; MORAES; LEITE, 1996, 1998; LEITE, 2010; OLIVEIRA, 1999; PIMENTEL, 2003). No entanto, até recentemente, não havia estudos que tratassem extensivamente da distribuição e dos condicionamentos das variantes de (-r) na cidade de São Paulo, sobretudo em relação a grupos de fatores sociais.

Ao lado de outros centros urbanos já estudados – como o Rio de Janeiro (ver p.ex. PAIVA; DUARTE, 2003), Nova Iorque (LABOV, 2006 [1966]) e Toronto (HOFFMAN; WALKER, 2010) –, São Paulo configura-se como um cenário privilegiado para o estudo da variação e da mudança linguística: trata-se de uma metrópole marcada por um histórico de migrações e imigrações, por diversidade cultural e por fortes contrastes sociais. Especificamente sobre a variável (-r), a cidade de São Paulo, possivelmente mais do que qualquer outra localidade do país, representa aquela em que todas as variantes estão em contato. De acordo com um recente levantamento do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2011), 46% da população adulta economicamente ativa (entre 30 e 60 anos) residente na região metropolitana não nasceu no estado de São Paulo (Fig. 1). Pode-se supor que o índice de habitantes não nativos da cidade seja ainda maior, já que esse levantamento se baseou na origem por estados, de modo que os 54% de paulistas incluem tanto aqueles nascidos na capital quanto no interior.

⁴ Seguindo convenção dos estudos sociolinguísticos (LABOV, 1969), adotam-se parênteses (-r) para fazer referência à variável, em contraste com a notação fonética [r] entre colchetes e fonológica /r/ entre barras.

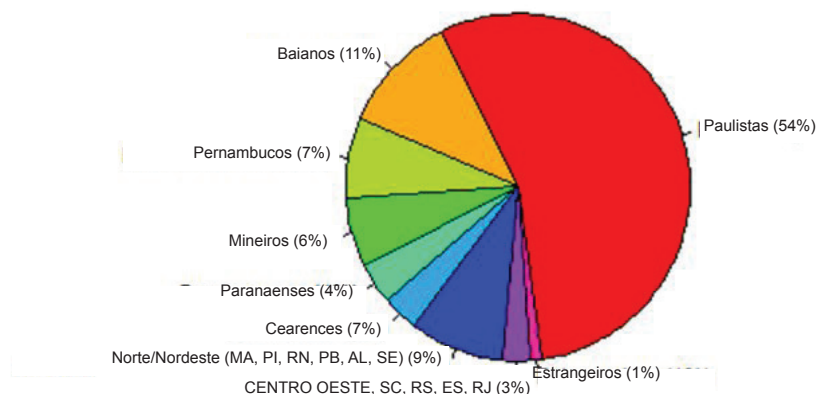


Figura 1: População adulta (30-60 anos) na Região Metropolitana de São Paulo.
Fonte: IPEA 2011.

Nesse cenário em que aproximadamente metade da população economicamente ativa não nasceu na cidade, interessa averiguar até que ponto a heterogeneidade sociodemográfica traz consequências para a variação no falar de seus habitantes, sobretudo os nativos. Tradicionalmente, aponta-se o tepe como variante “paulistana” do (-r) em coda silábica, em contraste com a realização aproximante retroflexa dos paulistas do interior [ɹ], a fricativa velar de cariocas [x ʁ], ou a fricativa glotal de belo-horizontinos [h ɦ] (CRISTÓFARO SILVA, 2007). No entanto, análises preliminares de (-r) em São Paulo mostram que o retroflexo não é tão infrequente no falar de paulistanos (MENDES, 2010; MENDES; OUSHIRO, 2011), o que permite questionar a sua exclusiva associação com um “falar caipira” para os habitantes dessa cidade.

As análises acima apontaram para o favorecimento da variante retroflexa por falantes do sexo masculino e menos escolarizados, resultados que se conformam a uma percepção recorrente de que o retroflexo é, em princípio, uma forma desprestigiada na comunidade. Contudo, tais análises também apresentaram resultados díspares quanto à distribuição de (-r) e certos condicionamentos. Em uma amostra com 24 falantes paulistanos “prototípicos” – entenda-se, falantes que residem em bairros mais centrais e que se identificam com noções de “paulistanidade” e “cosmopolitismo” –, estratificados de acordo com seu sexo/gênero, três faixas etárias e dois níveis de escolaridade, Mendes (2010) observou uma taxa média de emprego de 12% de retroflexo e um índice de mudança em tempo aparente em favor do tepe. Mendes e

Oushiro (2011), através da análise de uma amostra com 48 informantes, estratificados de modo semelhante, constataram, diferentemente, uma taxa de 31% de retroflexo e um indicativo de variação estável na comunidade.

Neste artigo, o objetivo é reportar resultados de análises quantitativas de (-r) em um *corpus* mais representativo do português paulistano, composto de 102 entrevistas sociolinguísticas. O interesse se volta principalmente à análise de correlações da variável com grupos de fatores sociais, com o intuito de investigar os graus de estigma/prestígio das variantes tepe e retroflexa e as identidades urbanas que se associam a seu emprego. Na próxima seção, apresentam-se o *corpus* e os métodos empregados na sua manipulação; em seguida, apresentam-se os resultados de análises multivariadas, realizadas com o programa GoldVarb X (ROBINSON; LAWRENCE; TAGLIAMONTE, 2001); por fim, esses resultados são discutidos da perspectiva de noções como “estigma” e “prestígio”, “estabilidade” e “instabilidade” no português paulistano atual.

Corpus e metodologia

A análise que aqui se apresenta foi feita com os dados obtidos numa amostra robusta do português paulistano, composta de 102 entrevistas sociolinguísticas (cerca de 1,5 milhão de palavras) coletadas em 2009–2011 por membros do Grupo de Estudos e Pesquisa em Sociolinguística da USP (GESOL-USP). Todos os falantes dessa amostra nasceram em São Paulo ou se mudaram para a cidade antes dos 10 anos de idade, tendo ali vivido a maior parte de suas vidas; eles estão estratificados de acordo com quatro variáveis sociais: (i) Sexo/Gênero (masculino, feminino); (ii) Faixa Etária (20 a 34 anos, 35 a 59 anos, 60 anos ou mais); (iii) Nível de Escolaridade (até Ensino Médio, Curso Superior); e (iv) Região de Residência (bairro mais central, bairro mais periférico).

Os grupos de fatores Sexo/Gênero e Faixa Etária são amplamente analisados em estudos sociolinguísticos e costumam se revelar correlacionados a variáveis cujas variantes se diferenciam em avaliações de estigma/prestígio: diversos trabalhos constataram que formas de prestígio na comunidade tendem a ser empregadas por mulheres (CHAMBERS, 1995; LABOV, 2001a; CHESHIRE, 2004), e que formas estigmatizadas são evitadas por falantes da faixa etária intermediária, mais suscetíveis a pressões do mercado linguístico

(BOURDIEU, 1991). A Faixa Etária, ademais, pode ser um indicador de movimentos no sistema linguístico de acordo com o construto mudança linguística em tempo aparente (LABOV, 2001a). A inclusão dessas duas variáveis nesta análise visa a permitir verificar se os mesmos padrões se reproduzem em São Paulo e se há indícios de mudança em curso no emprego variável da pronúncia de (-r).

O Nível de Escolaridade, por sua vez, também se associa diretamente a noções de estigma e prestígio. A hipótese geral é que falantes mais escolarizados tendam a evitar as formas não padrão na comunidade ou, de outra perspectiva, que as formas por eles empregadas sejam consideradas mais “corretas”. De modo mais amplo, a divisão de falantes entre “cultos” e “incultos”, na tradição de estudos sociolinguísticos brasileiros, normalmente é considerada como meio de classificação socioeconômica dos falantes (RODRIGUES, 2009, p. 151). Na cidade de São Paulo, assim como em outros grandes centros urbanos brasileiros, essa realidade parece estar se alterando através da ampliação do acesso ao ensino fundamental, médio e universitário;⁵ no entanto, o aumento dos níveis médios de escolarização nem sempre é acompanhado diretamente de ascensão social, de modo que a equação entre nível de escolaridade e classe socioeconômica deve ser mitigada.

Por fim, em uma grande metrópole como São Paulo, aventa-se a hipótese de que os habitantes de diferentes partes da cidade apresentem diferentes comportamentos sociolinguísticos. No roteiro da entrevista, as seguintes perguntas tinham o objetivo de identificar possíveis índices locais de identidade(s) paulistana(s): “Dentro da cidade de São Paulo, você consegue identificar se uma pessoa é de alguma região ou bairro específico? (Se sim) Você poderia dar alguns exemplos?” A elas, algumas respostas foram semelhantes a (1):⁶

⁵ Refere-se a políticas públicas como a Progressão Continuada, no estado de São Paulo, ou o ProUni, no âmbito federal. De fato, parece ser cada vez mais difícil encontrar informantes, sobretudo mais jovens, que não tenham ao menos iniciado o Ensino Médio.

⁶ Nas citações do *corpus*, “D1” refere-se ao documentador e “S1” ao informante. Este é identificado por pseudônimo e por seu perfil sociolinguístico através dos seguintes códigos: Sexo/gênero (M, F); Faixa etária (1, 2, 3); Nível de escolaridade (M, S); e Região de residência na cidade (C, P). No exemplo (1), o falante Luis A. (M1SP) é do sexo masculino, de primeira faixa etária, com nível superior de escolaridade e residente de um bairro mais periférico. As reticências indicam pausas curtas, “/” indica truncamento e “(xxx)” indica trechos ininteligíveis.

(1) D1: *e aqui dentro da cidade assim... você consegue identificar se uma pessoa é de algum bairro específico ou zona norte zona leste...?*

S1: *ah não... quem disser que consegue é mentira... na boa... esse papo de... tudo bem antigamente a galera da Mooca né que você tinha uma galera com o sotaque... mais italiano mas isso é mais velho que meus pais né cara né tipo... hoje é impossível né cara a cidade é completamente... miscigenada não tem mais nada né (es)tá ligado... e também não existe uma cultura... distrital eu acho sabe a cidade é grande mas não... eu acho que não é... não funciona assim... (Luis A., M1SP)*

Nesse excerto de entrevista, apesar de sua ressalva ao bairro da Mooca de “antigamente”, o falante Luis A. afirma não ser possível identificar, nos dias de hoje, de que parte da cidade de São Paulo uma pessoa é. Por outro lado, quando os falantes apontaram exemplos (ainda que inseguramente) de como identificar “tipos de paulistanos” de acordo com um parâmetro geográfico, foi frequente a menção a certos bairros, acompanhada muitas vezes de considerações a respeito de classes sociais ou nível de escolaridade:

(2) S1: *[...] então tem gente por exemplo que mora sei lá Jardim América (xxx) com aquelas joias com aquelas coisa toda então pode ser/ aqueles cabelos super arrumado então pode ser que você seja... eu normalmente... acho que me visto de uma maneira simples eu acho que não percebem que sou de outro bairro... modo de falar as expressões eu tenho impressão que não identificam não (Leila B., F3SC)*

(3) D1: *[...] você saberia por exemplo identificar uma pe/ você consegue perceber por exemplo se uma pessoa é da zona norte ou zona sul ou zona leste [...]*

S1: *então mais pela classe social que (vo)cê percebe... e claro pô se for na Mooca (vo)cê vai ver que ele canta mais que ninguém... se ele for no Brás também... Jardins Morumbi Moema... o pessoal fala igual mas por exemplo as classes mais baixas falam diferente... do que as classes mais elitizadas que tiveram condições de estudo e tudo mais*

- D1: *esse falar diferente (vo)cê saberia mais ou menos caracterizá-lo?*
 S1: *se você for por exemplo no extremo da zona leste lá na periferia*
 D1: *uhm*
 S1: *favela do Elmo... vai ver que os caras falam assim “aí João tem essa não (es)tá ligado? o bagulho é nosso (a)cabo(u)” eles falam dessa maneira... muitas gírias e tudo mais... é diferente de uma pessoa com uma condição social melhor... (Paulo P., M1SC)*
- (4) D1: *quando você conhece alguma pessoa aqui em São Paulo você consegue re- reconhecer se ela é... se é desse bairro se é dessa zona?*
 S1: *às vezes sim... às vezes depende né... às vezes a gente vê assim alguma pessoa andando na rua... aí dá pra falar... não assim de bairro/ assim especificar bairro... mas a gente consegue falar se uma pessoa é mais bem vestida... aí já mora deve morar... Vila Madalena Moema nãñã... se ela é mais ou menos né... ah deve morar... Itaquera [risos] não é um preconceito mas é que... é o que é entendeu que nem lá em Perus... onde eu moro ainda dá um pessoalzinho mais bonitinho... (mas) tem lugar lá embaixo que é feio a coisa (Tais P., F1MP)*
- (5) D1: *é engraçado que mesmo dentro da zona leste tem essa né?*
 S1: *tem as diferenças*
 D1: *(vo)cê acha que tem uma diferença Tatuapé Mooca...?*
 S1: *muita... porque já são bairros mais/ considerados nobres aqui da zona leste*
 D1: *aham*
 S1: *então quando você já vai indo mais pra periferia você já vai vendo que as pessoas já vão mudando*
 D1: *uhum*
 S1: *já vai ficando uma pessoa mais simples... né?... e muitas vezes as pessoas simples não têm aquela mesma/... uma conversa mais culta ou então não têm noção de que tem que falar/ (es)tá num transporte público tem que falar baixo numa/ num tom mais/ não é gritando aquela zoeira (Giovana A., F1SP)*

Leila B. (2) menciona o Jardim América (subdivisão dos Jardins) como um bairro de pessoas mais ricas (*com aquelas joias [...] aqueles cabelos*

super arrumado). Paulo P. (3), de modo semelhante a Luis A., chega a destacar os bairros da Mooca e do Brás por seu falar mais “cantado”, ao mesmo tempo em que enfatiza o contraste entre “Jardins, Morumbi, Moema”, por um lado, e bairros de classes mais baixas, por outro, “no extremo da zona leste, na periferia”. Tais P. (4) menciona o modo de se vestir da Vila Madalena e Moema em oposição a Itaquera e Perus. Giovana A. (5) descreve diferenças de classe social dentro de uma mesma zona da cidade, entre Tatuapé/Mooca e locais mais periféricos. Esses contrastes apontam mais para uma divisão entre bairros de classes médias/altas (Jardins, Morumbi, Moema, Vila Madalena, Tatuapé, Mooca) e de classes baixas (Itaquera, Perus), organizados de modo geral em áreas mais centrais e mais periféricas, do que para a divisão político-administrativa da cidade entre as zonas Norte, Sul, Leste, Oeste e Central.

No *corpus* do GESOL-USP, os critérios para a classificação de bairros como “mais centrais” ou “mais periféricos” se baseiam na história de ocupação dos bairros e no grau de desenvolvimento urbano em termos de verticalização, serviços e IDH. De modo geral, bairros mais periféricos são historicamente mais recentes, bem como seu processo de verticalização (nos últimos 20 anos), e possuem uma infraestrutura urbana relativamente menos desenvolvida (acesso a transporte público, hospitais, escolas, centros culturais e comerciais etc.). Por outro lado, bairros mais centrais são mais antigos, são fortemente verticalizados (o que implica alta densidade demográfica) e possuem melhor infraestrutura urbana. Como consequência das características acima descritas, bairros mais centrais têm, em geral, um custo de vida bastante superior àquele de bairros mais periféricos, algo que se verifica em preços médios de habitação e de serviços; desse modo, assim como o Nível de Escolaridade, a Região de Residência também é um índice indireto de *status* socioeconômico do falante.

A combinação dos fatores dessas quatro variáveis sociais – Sexo/Gênero, Faixa Etária, Nível de Escolaridade e Região de Residência – resulta em 24 perfis sociolinguísticos, para cada um dos quais o *corpus* conta com 4–5 informantes. As ocorrências de (-r) nesta amostra (N = 61.954) foram codificadas inicialmente de acordo com as categorias na Tabela 1, que também apresenta suas respectivas proporções.

Tabela 1: Distribuição geral das ocorrências de (-r) na amostra (N = 61.954)

Codificação	%
Tepe	28,0
Retroflexo	13,9
Apagamento	54,8
Aspirada	0,4
Palavras estrangeiras	0,2
Dados metalinguísticos	2,7

Ocorrências de palavras estrangeiras (p.ex. *Big Brother*, *outdoor*, *over*, *Museu d'Orsay*), em sua maioria inglesas, foram codificadas separadamente e posteriormente descartadas, uma vez que é difícil determinar se o eventual emprego de retroflexo se deve a uma breve alternância de códigos. De modo semelhante, foram retiradas do arquivo de dados ocorrências metalinguísticas, em que o falante exemplifica diferentes modos de falar (p.ex. “carioca fala po[x]ta”).⁷

O apagamento de (-r) representa a maior parte dos dados (54,8%) e se refere principalmente a ocorrências do morfema de infinitivo (p.ex. *falar*, *comer*).⁸ Por sua vez, a aspiração de (-r) (fricativa glotal ou velar, surda ou sonora), embora presente na fala de paulistanos nativos, é pouquíssimo expressiva (0,4%) e pode ser considerada bastante marginal. Nesta análise, cujo interesse reside nas identidades sociais que se associam ao emprego das variantes, decidiu-se descartar tanto as ocorrências de apagamento quanto as de aspiração de (-r): por um lado, o seu cancelamento em verbos no infinitivo também é bastante frequente em outras comunidades (ver p.ex. CALLOU; MORAES; LEITE, 1996, 1998; OLIVEIRA, 1999; BRESCANCINI; MONARETTO, 2008) e não parece caracterizar um grupo específico da cida-

⁷ No roteiro de entrevista sociolinguística, após a leitura de uma lista de palavras, o documentador pergunta ao informante como um carioca e uma pessoa do interior fariam algumas delas. É interessante notar que muitas das palavras escolhidas pelos informantes são aquelas com (-r) em coda, o que é evidência adicional de sua saliência como marcador de identidades.

⁸ Em uma subamostra de 100 dados de apagamento, selecionados aleatoriamente, 79 são verbos no infinitivo, 16 são conjunções (*porque* e *por*), 3 são do verbo no subjuntivo *tiver* e 2 são do adjetivo *qualquer*.

de de São Paulo;⁹ por outro lado, a baixíssima frequência de aspiração de (-r) não permitiria a realização de análises multivariadas de covariação (GUY; ZILLES, 2007, p. 60).

Desse modo, a presente análise se debruça sobre os dados de tepe e de retroflexo em coda silábica, tanto em contexto medial (p.ex. *porta*) quanto final (p.ex. *mulher*),¹⁰ excluindo-se palavras estrangeiras e casos de emprego metalinguístico. Considerando-se apenas essas variantes, a proporção geral dos dados é a que se apresenta na Tabela 2.

Tabela 2: Distribuição geral de tepes e retroflexos na amostra (N = 25.950)

Codificação	%
Tepe (T)	66,8
Retroflexo (R)	33,2

A análise sistemática de todas as ocorrências dessas duas variantes (N = 25.950), no entanto, não apenas seria dispendiosa, mas também desnecessária. Seguindo método convencional em estudos sociolinguísticos de variáveis fonéticas (WOLFRAM, 1993), extraíram-se aleatoriamente 50 ocorrências de tepe/retroflexo das entrevistas com cada um dos 102 informantes, com o auxílio da função `srsdf` do pacote NCStats do programa R (HORNÍK, 2011; OUSHIRO, 2012), totalizando 5.100 dados. A Tabela 3 mostra que tal procedimento mantém a proporção geral entre tepes e retroflexos na comunidade (Cf. 33,2% de retroflexos na amostra geral e 32,9% na amostra reduzida), bem como nas subamostras individuais, de cada informante.

⁹ A análise de realização vs. apagamento de (-r) em São Paulo pode vir a ser objeto de outro estudo variacionista. Enquanto o apagamento de (-r) em verbos no infinitivo parece ser uma pronúncia não marcada na comunidade, o seu apagamento em substantivos (p.ex. *açuca(r)*, *mulhe(r)*) parece ser socialmente estigmatizado. Ao mesmo tempo, a realização do morfema (-r) em verbos no infinitivo, embora infrequente, possivelmente também é portadora de significados sociais.

¹⁰ Os casos de (-r) em final de palavra seguidos de vogal (p.ex. *por exemplo*, *por isso*, *contar uma estória* etc.) foram excluídos, já que não mais se caracterizam como em contexto de coda silábica, mas sim de /r/ pré-vocálico (CALLOU, 1987).

Tabela 3: Proporção de dados (R/R+T) na amostra reduzida e na amostra geral

Informante	Amostra geral				Amostra reduzida			
	T	R	%R	Total	T	R	%R	Total
Adolfo F.	125	58	31,7	183	34	16	34,0	50
Adriana P.	186	5	2,6	191	48	2	4,0	50
Ana M.	169	31	15,5	200	44	6	12,0	50
Angelica L.	312	38	10,9	350	41	9	18,0	50
Camila A.	174	25	12,6	199	45	5	10,0	50
Cassia M.	37	142	79,3	179	10	40	80,0	50
Celina A.	64	100	61,0	164	20	30	60,0	50
Cesar P.	76	67	46,9	143	30	20	40,0	50
Çiça N.	60	49	45,0	109	29	21	42,0	50
Claudia H.	50	1	2,0	51	49	1	2,0	50
Total	17.333	8.617	33,2	25.950	3.428	1.672	32,9	5.100

$\chi^2 = 1.440, p > 0,25.$

Análises

A análise multivariada investigou a influência dos seguintes grupos de fatores na pronúncia de (-r) na fala paulistana:

- **Contexto Fônico Precedente:** codificado de acordo com as 7 vogais orais, posteriormente amalgamadas por altura ([+alta] vs. [-alta])¹¹
- **Contexto Fônico Seguinte:** codificado de acordo com a consoante seguinte ou pausa, posteriormente amalgamadas por ponto de C (CLEMENTS; HUME, 1995) ou pausas ([coronal], [dorsal], [labial] ou pausa)
- **Tonicidade da sílaba com (-r):** tônica; átona
- **Posição da sílaba com (-r):** medial; final
- **Classe morfológica da palavra:** substantivo/adjetivo; verbo/advérbio; conjunção/preposição
- **Sexo/gênero:** masculino; feminino
- **Faixa etária:** 20 a 34 anos; 35 a 59 anos; 60 anos ou mais
- **Nível de Escolaridade:** até Ensino Médio; Curso Superior
- **Região de Residência:** bairro mais central; bairro mais periférico

¹¹ A primeira análise desse grupo manteve os fatores separados. Nessa rodada, Contexto Fônico Seguinte é selecionado como significativo, com os fatores organizados na seguinte hierarquia e respectivos pesos relativos: /a/ (0,64), /ɔ/ (0,64), /ɛ/ (0,59), /e/ (0,52), /i/ (0,47), /o/ (0,43) e /u/ (0,28). Verifica-se que os três fatores mais favorecedores de retroflexão são vogal [-alta], em contraposição aos quatro fatores menos favorecedores com o traço [+alto], o que justifica tal amalgamação. Realizou-se também uma análise alternativa, com amalgamação de acordo com o traço [± anterior], na qual o grupo de fatores não foi selecionado.

- **Geração da família na cidade:** primeira (filho de não paulistanos); segunda ou ulterior
- **Origem dos pais:** Norte/Nordeste; interior de SP/MG; São Paulo-capital; mista 1 (pais de origens diferentes, um deles paulistano); mista 2 (pais de origens diferentes, nenhum deles paulistano); estrangeira
- **Mobilidade:** sempre morou no mesmo bairro; mudou-se, mas sempre morou na mesma zona; morou em zonas diferentes ou já viveu em outra cidade
- **Estilo de fala:** conversação na entrevista; leitura de lista de palavras; leitura de notícia de jornal; leitura de “depoimento”

Além dos quatro grupos de fatores estratificadores do *corpus*, as variáveis Geração da Família na Cidade, Origem dos Pais e Mobilidade são características sociais dos falantes que também apresentam variação na amostra. Estilo, por sua vez, é aqui definido no sentido de Labov (2001b, 2006 [1966]) como “grau de monitoramento à fala”, em que se espera que o informante fale mais cuidadosamente de acordo com a seguinte hierarquia: (i) leitura de lista de palavras (mais monitorado);¹² (ii) leitura de notícia de jornal;¹³ (iii) leitura de “depoimento”;¹⁴ e (iv) conversação na entrevista (menos monitorado).

¹² A lista é apresentada aos falantes em uma única página, com as palavras dispostas em ordem alfabética em duas colunas. Para melhor visualização, aqui se apresentam as palavras com (-r) em coda silábica em negrito; está sublinhada uma palavra com (-r) final seguido de vogal, que pode ser considerada uma ocorrência apenas se a realização do informante foi seguida de pausa: *alma*, **amargo**, *animação*, **argola**, *atitude*, **barqueiro**, *biscoito*, *cacique*, **carteiro**, *cerca*, *chácara*, **circo**, *cisne*, **curto**, *defender*, *discoteca*, *elefante*, *enchente*, **entender**, *entretenimento*, *erguer*, *fazenda*, *felicidade*, **firme**, *fornalha*, **furgão**, *fusquinha*, *geleira*, **gérmen** de trigo, **gordo**, *gula*, **Hércules**, *hilário*, **irmã**, *justiça*, *lento*, **mortadela**, *Marba*, *mosca*, *necessidade*, *noite*, **orca**, **Ordem** e *progresso*, **orgânico**, **órgão**, *ostracismo*, *penteadado*, **pertencimento**, **perto**, **porto**, *presente*, *rapidez*, *riqueza*, **sabor** de menta, **soberba**, *trabalho*, **turco**, **urgente**, *utilidade*, *vulto*, *zebra*.

¹³ Notícia adaptada do jornal *Folha de São Paulo online*, de 08/02/2010, sobre protesto de moradores devido a alagamento de bairro na cidade de São Paulo (disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u691127.shtml>>): “*Moradores cobram solução para área alagada em SP e aguardam encontro com prefeito. Moradores da região do Jardim Pantanal protestaram nesta segunda-feira em frente à Prefeitura de São Paulo contra a inundação em bairros da zona leste, que completa dois meses hoje. Uma comissão de manifestantes foi recebida pela Secretaria de Relações Institucionais e apresentou reivindicações, mas o prefeito Gilberto Kassab (DEM) não participou do encontro. Representantes dos manifestantes esperam que o governador José Serra (PSDB) também participe da reunião de sexta. De acordo com os integrantes da comissão, não havia integrantes do governo estadual no encontro realizado hoje na prefeitura. Além de cobrar a limpeza imediata das águas nos bairros, os moradores cobram uma solução para a falta de moradia. A maioria dos desalojados continua em escolas municipais e, com o início do ano letivo, temem não ter para onde ir.*”

¹⁴ A leitura de “depoimento” refere-se a um texto escrito com características da oralidade: “*Tá chovendo muito! Choveu tanto, tanto na semana passada que ficou uma piscina na minha casa. Ó, pra você ver: Molharam todos os armários, a cama, os colchões, tudo... Foi um sacrifício... O que a gente fez? Nós*”

É importante apontar que não há ortogonalidade (GUY; ZILLES, 2007, p. 171) entre certos grupos de fatores:

- **Geração da família na cidade e Origem dos Pais:** falantes que representam a primeira geração paulistana na família sempre têm pais não paulistanos; falantes a partir da segunda geração sempre têm um ou ambos os pais paulistanos.
- **Estilo e Classe morfológica da palavra:** Na leitura da lista de palavras, não há conjunções, preposições e advérbios.
- **Contexto fônico seguinte e Posição da sílaba com (-r):** ocorrências seguidas de pausas sempre se encontram em fim de palavra.

Esses pares de grupos de fatores não foram, portanto, incluídos nas mesmas rodadas do GoldVarb X. Em todas as análises, o valor de aplicação estabelecido foi o retroflexo, de modo que os pesos relativos referem-se a essa variante.

Na análise quantitativa, todos os grupos de fatores descritos acima são selecionados como significativos para a variação na pronúncia de (-r) em coda silábica. A Tabela 4 apresenta os resultados para os grupos de fatores linguísticos, que foram analisados em duas rodadas multivariadas: uma delas incluiu Contexto Fônico Seguinte, e não Posição da Sílaba com (-r); na outra, fez-se o contrário. Ambas incluem todos os demais grupos de fatores, sociais e linguísticos, que não interagem entre si.

*tivemos que **erguer** os móveis pra **limpar** tudo: a geladeira, o **forno**... minha **irmã** até veio me **ajudar**, sabe? E meus filhos compraram umas cadeiras novas, mas é aquela coisa, assim... quando **chover** de novo, vai **molhar** tudo outra vez. Você fica sem ter o que fazer. E tem um rio lá **perto** que sempre alaga... **quer dizer**, é água dentro e fora de casa! Daí, o que acontece? Fica aquele trânsito, os carros todos parados, a gente demora um tempão pra chegar em casa... Não aguento mais enchente nessa cidade... Agora que eu vou fazer? Os políticos falam, falam, mas eles tinham que fazer alguma coisa **urgente**. Você tá entendendo o que eu tô dizendo?"*

**Tabela 4: Grupos de fatores linguísticos
(N retroflexo = 1.672; N total = 5.100)**

	P.R.	%	N retroflexo	N total
Contexto Fônico Precedente^a				
vogal [-alta]	0,62	45,3	866	1.912
vogal [+alta]	0,43	25,3	806	3.188
	<i>Range: 19</i>			
Contexto Fônico Seguinte^a				
[coronal]	0,55	38,2	1053	2.755
[labial]	0,47	29,2	267	914
Pausa	0,43	34,0	128	376
[dorsal]	0,42	21,2	224	1.055
	<i>Range: 13</i>			
Classe morfológica^a				
Verbo e advérbio	0,55	36,0	350	973
Substantivo e adjetivo	0,51	35,2	1227	3.483
Conjunção e preposição	0,39	14,8	95	644
	<i>Range: 16</i>			
Tonicidade da sílaba com (-r)^a				
Tônica	0,55	41,1	968	2.354
Átona	0,46	25,6	704	2.746
	<i>Range: 9</i>			
Posição da sílaba com (-r)^b				
Final	0,55	42,0	400	953
Medial	0,49	30,7	1272	4.147
	<i>Range: 6</i>			

^aInput: 0,293, $p < 0,001$. ^bInput: 0,298, $p < 0,01$. Divergência entre pesos relativos e porcentagens nos valores sombreados indica interação.

Quanto ao contexto fônico, a pronúncia retroflexa é favorecida quando o (-r) é precedido por vogal [-alta] (P.R. 0,62) e seguido de consoante [coronal] (P.R. 0,55). Considerando-se que o retroflexo é uma realização [-alta] (relativamente ao tepe) e [coronal], parece haver uma tendência à assimilação com a vogal que precede (-r) e com a consoante que o segue.

A variante também é favorecida em verbos/advérbios (P.R. 0,55), sílabas tônicas (P.R. 0,55) e quando está na posição final da palavra (P.R. 0,55). Percebe-se, no entanto, que tais fatores revelam pesos relativos próximos ao ponto neutro, e que seus respectivos grupos de fatores têm *ranges* (diferença entre maior e menor pesos) relativamente pequenos, de modo que se pode

afirmar que, linguisticamente, o fator mais fortemente correlacionado à pronúncia retroflexa em coda silábica no dialeto paulistano é uma vogal com traço [-alto] no contexto precedente. Socialmente, contudo, parece haver fatores que favorecem algo mais fortemente a pronúncia retroflexa.

As Tabelas 5 e 6 apresentam os resultados para os grupos de fatores sociais, na respectiva ordem em que são selecionados pelo GoldVarb X; a primeira se refere àqueles incluídos em uma mesma rodada, e a segunda apresenta os resultados dos dois grupos de fatores não ortogonais, que foram analisados em duas rodadas diferentes, cada qual com todos os demais grupos de fatores que não interagem entre si.

Tabela 5: Grupos de fatores sociais (1)
(N retroflexo = 1.672; N total = 5.100)

	P.R.	%	N retroflexo	N total
Região de Residência				
Bairro mais periférico	0,62	42,8	1.178	2.750
Bairro mais central	0,36	21,0	494	2.350
	<i>Range: 26</i>			
Mobilidade				
mesmo bairro	0,60	43,6	501	1.150
mesma zona	0,49	35,5	603	1.700
diferentes zonas	0,46	25,2	568	2.250
	<i>Range: 14</i>			
Nível de Escolaridade				
até Ensino Médio	0,59	41,5	997	2.400
Curso Superior	0,43	25,0	675	2.700
	<i>Range: 16</i>			
Sexo/Gênero				
masculino	0,56	38,6	1.024	2.650
feminino	0,44	26,4	648	2.450
	<i>Range: 12</i>			
Faixa etária				
20–34 anos	0,55	38,1	628	1.650
35–59 anos	0,51	33,1	580	1.750
60+ anos	0,44	27,3	464	1.700
	<i>Range: 11</i>			
Geração da Família na Cidade				
primeira geração de paulistano	0,53	36,0	1.061	2.950
segunda geração ou ulterior	0,46	28,4	611	2.150
	<i>Range: 7</i>			

Input: 0,293, p < 0,001.

Em todas as rodadas, a Região de Residência é o primeiro grupo de fatores a ser selecionado, com 26 pontos de *range*, e se apresenta como o mais importante para a variação na pronúncia de (-r) no falar paulistano: moradores de bairros mais periféricos favorecem o emprego da variante retroflexa (P.R. 0,62), enquanto que moradores de bairros mais centrais tendem a evitar tal pronúncia (P.R. 0,36). O retroflexo também é favorecido por falantes cuja mobilidade geográfica é menor (P.R. 0,60) e, inversamente, desfavorecido por falantes com maior mobilidade (0,46). Aqui é possível inferir que quanto maior a mobilidade geográfica, mais fluidas são as redes sociais dos falantes (MILROY, 2004), que entram em contato com maior variedade de grupos sociais; é interessante notar que são justamente esses falantes que tendem a evitar o emprego de retroflexo. Quanto à Escolaridade, de acordo com a hipótese inicial, os resultados mostram que o retroflexo é favorecido por falantes com menor nível de escolarização (P.R. 0,59). Em conjunto, os resultados para Região de Residência, Mobilidade e Nível de Escolaridade sinalizam a importância de classe social para a estratificação sociolinguística de (-r) na cidade de São Paulo, visto que todos esses fatores podem ser considerados índices indiretos de *status* socioeconômico.

Os resultados para o grupo de fatores Sexo/Gênero, por sua vez, coadunam-se com aqueles já extensivamente constatados, em diversos estudos sociolinguísticos: a forma não padrão na comunidade tende a ser evitada por falantes do sexo feminino (P.R. 0,44) e a ser favorecida por falantes do sexo masculino (P.R. 0,56). Embora tal constatação seja recorrente (ver p.ex. CHAMBERS, 1995; LABOV, 2001a, CHESHIRE, 2004), a interpretação desse fenômeno não é sem controvérsia; enquanto alguns autores argumentam que mulheres tendem a empregar a forma de prestígio como modo de superar sua posição desprivilegiada na sociedade (p.ex. FASOLD, 1990, apud CHESHIRE, 2004), outros defendem que não são as mulheres que favorecem as formas de prestígio, mas sim que são as formas por elas empregadas que tendem a ser vistas como “mais corretas” (MILROY et al., 1994, apud CHESHIRE, 2004).

Por outro lado, os resultados para Faixa Etária apontam para a possibilidade de mudança linguística em curso em favor do retroflexo, uma vez que se verificam tendências gradualmente maiores de seu emprego quanto mais jovens são os falantes: aqueles de primeira faixa etária tendem a favorecê-lo (P.R. 0,55); os de segunda faixa ficam praticamente no ponto neutro (P.R. 0,51); ao passo que os mais velhos tendem a desfavorecê-lo (P.R. 0,44). Neste ponto,

convém lembrar os resultados de análises preliminares de (-r), que observaram, respectivamente, indicativos de mudança em progresso em favor do *tepe* (MENDES, 2010) e de um caso de variação estável na comunidade (MENDES; OUSHIRO, 2011). Os resultados da presente análise não confirmam nem um nem outro. É necessário, portanto, olhar para eles de modo mais detido e buscar explicações para a divergência, ponto ao qual se retorna mais adiante.

Da Tabela 5, resta interpretar as tendências verificadas para Geração da Família, que investiga se o grau de enraizamento na cidade se correlaciona ao emprego de (-r). Nesse grupo de fatores, verifica-se que falantes cujas famílias estão enraizadas há mais tempo na cidade de fato tendem a desfavorecer o retroflexo (P.R. 0,46) e, portanto, a favorecer a pronúncia do *tepe*. Os resultados do grupo de fatores Origem dos Pais, da Tabela 6, complementam essa análise: os falantes que menos favorecem o retroflexo são aqueles que têm um ou ambos os pais paulistanos (P.R. 0,45 e 0,47) ou estrangeiros (P.R. 0,35). Por outro lado, diferentemente do que se poderia esperar, não são os filhos de migrantes do interior de SP/MG que mais favorecem o “r caipira”, embora também o favoreçam (P.R. 0,55); as maiores tendências de emprego se verificam entre aqueles cujos pais são do Norte/Nordeste (P.R. 0,69).

Tabela 6: Grupos de fatores sociais (2)
(N retroflexo = 1.672; N total = 5.100)

	P.R.	%	N retroflexo	N total
Origem dos pais^a				
Norte/Nordeste	0,69	60,0	270	450
interior de SP/MG	0,55	34,4	465	1350
mista 2 (nenhum pai paulistano)	0,48	33,5	251	750
São Paulo-capital (ambos os pais paulistanos)	0,47	30,6	367	1.200
mista 1 (mãe ou pai paulistano)	0,45	26,0	234	900
estrangeira	0,35	18,9	85	450
<i>Range: 34</i>				
Estilo de fala^b				
Leitura de notícia de jornal	0,55	42,2	76	180
Conversação	0,54	34,9	1.428	4.094
Leitura de “depoimento”	0,40	27,5	63	229
Leitura de lista de palavras	0,25	17,6	105	597
<i>Range: 30</i>				

^aInput: 0,291, $p < 0,002$; ^bInput: 0,292, $p < 0,001$.

Filhos paulistanos de migrantes nortistas e nordestinos não retêm a aspiração de (-r) – retome-se a baixíssima frequência da variante aspirada entre falantes paulistanos (0,4%; ver Tabela 1). Tal proporção contrasta fortemente com a intensa presença de migrantes dessas regiões que vivem atualmente em São Paulo (ver Fig. 1). Ao mesmo tempo, os filhos de migrantes do Norte e do Nordeste não necessariamente adotam a variante tradicionalmente considerada mais “paulistana”; em vez disso, tendem a empregar, tanto em termos de frequência (60%) quanto em termos de tendência (P.R. 0,69), a variante retroflexa, de modo ainda mais expressivo do que filhos de migrantes do interior de SP/MG. É possível especular duas interpretações sobre esses resultados, uma de natureza linguística e outra de natureza social. Linguisticamente, a variante retroflexa se aproxima mais da variante aspirada por ser um segmento [-anterior], relativamente ao tepe; socialmente, é possível que o emprego da variante retroflexa seja favorecido pela rede social estabelecida por migrantes e seus filhos paulistanos diante de sua relativa situação socioeconômica na cidade. De acordo com o levantamento do IPEA (2011), migrantes do Norte/Nordeste atingem em média menores níveis de escolaridade, têm menos acesso à Internet e possuem as menores rendas mensais de todos os grupos pesquisados, fatos que caracterizam pertencimento a classes sociais mais baixas. Conforme mostra a Tabela 5, habitantes de bairros mais periféricos, com menor mobilidade geográfica e menor nível de escolarização são aqueles que mais tendem a empregar o retroflexo; ainda que os filhos paulistanos de migrantes do Norte/Nordeste venham a ascender socialmente, as características menos privilegiadas dos pais devem contribuir para o estabelecimento da rede social desses falantes.

Quanto ao Estilo de fala, diferentemente da hipótese que se aventou no início das análises, a conversação na entrevista e a leitura do “depoimento” não são os fatores que mais favorecem a pronúncia retroflexa, mas sim a leitura da notícia de jornal. “Conversação na entrevista” abarca a grande maioria dos dados (4.094 ou 80% do total); o peso relativo desse fator (P.R. 0,54), próximo do ponto neutro, é indicativo de que pode haver estilos de fala díspares misturados nessa categoria, e que talvez seja necessário subdividi-la em trechos menores (p.ex., separar trechos narrativos, presumivelmente menos monitorados, de trechos mais “dissertativos” ou de fala mais distanciada. Cf. LABOV, 2001b). Por sua vez, a leitura do “depoimento” pode ter demandado maior grau de atenção, por parte do falante, do que se intencionou

originalmente, uma vez que se apresenta na forma de um texto escrito com características da oralidade (“tá”, “ó, pra você ver”, “mas é aquela coisa, assim” etc.; ver nota 15). Dessa maneira, a leitura da notícia de jornal, dentro de um gênero mais conhecido, revelou-se mais fluente do que a leitura do “depoimento”. De todo modo, nota-se que a leitura da lista de palavras, em que se esperava o grau máximo de atenção à fala, desfavorece fortemente o emprego do retroflexo (P.R. 0,25).

O Quadro 1 resume os resultados das análises quantitativas, apresentando os grupos de fatores de acordo com a sua importância para a variação de (-r) em coda silábica em São Paulo (determinada pela ordem em que são selecionados pelo GoldVarb X), bem como os fatores que favorecem o emprego de retroflexo.

Grupo de Fatores	Range	Fatores favorecedores de retroflexo
Região de Residência	26	Bairros mais periféricos
Contexto Fônico Precedente	19	Vogal [-alta]
Origem dos Pais	34	Norte/Nordeste; interior de SP/MG
Mobilidade	14	Sempre moraram no mesmo bairro
Estilo de fala	30	Leitura de notícia de jornal
Nível de Escolaridade	16	Menos escolarizados
Contexto Fônico Seguinte	13	[coronal]
Sexo/Gênero	12	Homens
Classe Morfológica	16	Verbos/Advérbios
Tonicidade da sílaba com (-r)	9	Tônica
Faixa Etária	11	Mais jovens
Geração da Família na Cidade	7	Primeira (filhos de não paulistanos)
Posição da Sílaba com (-r)	9	Final

Quadro 1: Resumo

Mudança ou variação estável? Estigma ou prestígio?

Conforme se menciona anteriormente, análises feitas a partir de diferentes amostras do português paulistano geraram resultados divergentes quanto às taxas de emprego de retroflexo e quanto à estabilidade ou não da variação de (-r) em coda silábica. Esses resultados estão resumidos no Quadro 2.

	Mendes (2010)	Mendes e Oushiro (2011)	Esta análise
Tamanho e estratificação das amostras	24 falantes “prototípicos” Sexo/Gênero Faixa Etária Nível de Escolaridade	48 falantes Sexo/Gênero Faixa Etária Nível de Escolaridade	102 falantes Sexo/Gênero Faixa Etária Nível de Escolaridade Região de Residência
Taxa de retroflexo	12%	31%	33%
Análise em tempo aparente	Mudança em favor do tepe	Variação estável	Mudança em favor do retroflexo

Quadro 2: Trabalhos e resultados divergentes sobre a pronúncia de (-r) em São Paulo

Tais divergências são indícios de que o processo de variação entre tepe e retroflexo na cidade de São Paulo deve ser mais complexo do que as análises até aqui desenvolvidas levam a crer. Os motivos para as diferentes conclusões certamente residem nas amostras utilizadas que, apesar de semelhantes, guardam certas propriedades: a amostra de Mendes (2010) restringiu-se a falantes mais prototípicos, residentes de bairros mais tradicionais em São Paulo e que se identificam com a cidade; Mendes e Oushiro (2011), ao aumentar a amostra de informantes, não levaram em consideração tal critério; a presente análise, por sua vez, incluiu na estratificação dos falantes a variável Região de Residência, que se revelou como o grupo de fatores cuja correlação com a pronúncia variável de (-r) é a mais forte.

As taxas semelhantes (cerca de 30% de emprego de retroflexo) nas duas amostras maiores permite concluir que essa deve ser a proporção atual da variante no português paulistano de modo geral. Para avaliar em que medida esse caso de variação é estável, realizaram-se cruzamentos entre o grupo de fatores Faixa Etária e os demais grupos de fatores estratificadores da amostra (Sexo/Gênero, Nível de Escolaridade e Região de Residência), a fim de verificar se há movimentos divergentes dentro da comunidade. A Tabela 7 apresenta os pesos relativos dos fatores após o cruzamento.

Tabela 7: Pesos relativos referentes ao emprego de retroflexo em cruzamentos de Faixa Etária e grupos de fatores estratificadores da amostra

Faixa etária	Sexo/Gênero ^a		Escolaridade ^b		Região de Residência ^c	
	Masc.	Fem.	Ens. Médio	Ens. Sup.	Mais periférica	Mais central
20–34 anos	0,61	0,48	0,63	0,48	0,71	0,34
35–59 anos	0,55	0,47	0,57	0,46	0,60	0,43
60+ anos	0,52	0,35	0,56	0,33	0,54	0,33

^aInput: 0,292; $p < 0,001$. ^bInput: 0,292; $p < 0,001$. ^cInput: 0,293; $p < 0,001$.

No cruzamento entre Faixa Etária e Sexo/Gênero, percebe-se que os homens favorecem a pronúncia retroflexa em todas as faixas etárias, e que tal favorecimento é diretamente proporcional à idade (homens mais novos favorecem mais a pronúncia retroflexa em relação aos homens mais velhos, que apresentam peso relativo próximo do ponto neutro); por outro lado, mulheres sempre desfavorecem tal pronúncia, mas aquelas de terceira faixa etária a desfavorecem ainda mais; trata-se, portanto, de dois grupos de fatores verdadeiramente independentes entre si, que seguem tendências paralelas na comunidade. Algo semelhante ocorre no cruzamento entre Faixa Etária e Nível de Escolaridade: os falantes menos escolarizados favorecem o emprego de retroflexo em todas as faixas etárias, mas é entre os mais jovens que essa variante é mais favorecida; já os mais escolarizados desfavorecem a pronúncia retroflexa, mas é entre os mais velhos que ela é mais desfavorecida.

Entretanto, no cruzamento entre Faixa Etária e Região de Residência, nota-se que os moradores das duas regiões não seguem as mesmas tendências. Se, por um lado, em todas as faixas etárias, o retroflexo é favorecido nos bairros mais periféricos e desfavorecido nos bairros mais centrais, por outro, tais tendências não se distribuem paralelamente. Nos bairros mais periféricos, verifica-se o mesmo tipo de gradação etária já observada na comunidade como um todo, mas nos bairros mais centrais nota-se algo distinto.

Na periferia, o favorecimento da pronúncia retroflexa é gradativamente maior, dos mais velhos para os mais novos. Isso fica bastante claro na Figura 2, na curva tracejada. Diferentemente, contudo, na São Paulo mais central, não se observa a mesma dinâmica: a curva para Centro é paralela àquela para Periferia apenas entre os falantes de terceira e segunda faixas etárias. Quanto

aos mais jovens, nos bairros mais centrais eles se assemelham aos mais velhos, ou seja, desfavorecem o retroflexo relativamente tanto quanto eles.

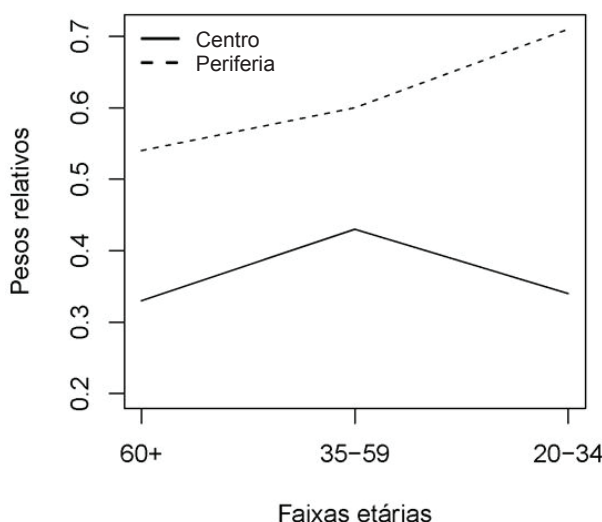


Figura 2: Pesos relativos referentes ao emprego de retroflexo no cruzamento de Faixa Etária e Região de Residência.

Em outras palavras, a Figura 2 parece indicar que os falantes de primeira faixa etária dos bairros mais centrais destacam-se na comunidade, na medida em que revelam uma dinâmica oposta, relativamente ao movimento geral (em tempo aparente) na direção do retroflexo.

Esses resultados podem explicar a divergência entre aqueles observados por Mendes (2010) e Mendes e Oushiro (2011). Ao utilizar uma pequena amostra de falantes “prototípicos”, residentes de bairros mais centrais, a análise de Mendes (2010) ressalta a forte tendência em direção ao tepe entre falantes de primeira faixa etária. Já a análise de Mendes e Oushiro (2011), com uma amostra não estratificada por Região de Residência, apresenta resultados mais semelhantes à curva verificada para as tendências de pronúncia de (-r) por parte dos residentes de bairros mais centrais da Fig. 2.

Para melhor avaliar o grau de estigma ou prestígio das variantes, volte-se à leitura da lista de palavras, na qual se assume que os falantes tenham um grau máximo de atenção à fala: uma análise mais detalhada somente desses

dados (N = 597) revela, de modo ainda mais contundente, as tendências divergentes entre os paulistanos de primeira faixa etária (ver Tabela 8 e Fig. 3).

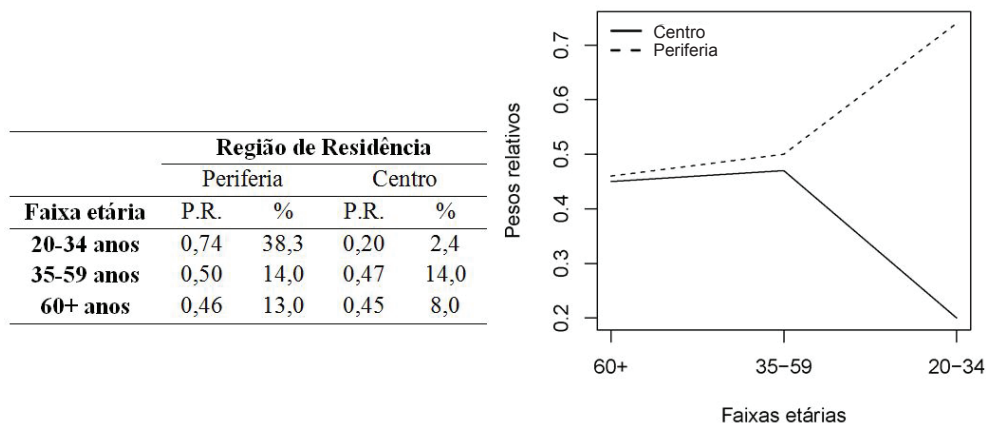


Tabela 8 e Figura 3: Tendências e frequências de emprego de retroflexo na leitura de lista de palavras, com falantes divididos por Faixa Etária e Região de Residência (N = 597; Input: 0,120; $p < 0,03$).

A Figura 3 apresenta graficamente os dados da Tabela 8: as tendências praticamente idênticas de falantes de terceira e de segunda faixas etárias, residentes tanto de bairros mais centrais quanto mais periféricos, todas próximas ao ponto neutro, contrastam fortemente com as tendências opostas dos falantes de primeira faixa etária. Comparem-se também as frequências de emprego de retroflexo na amostra geral e na leitura da lista de palavras: da Tabela 5, sabe-se que a taxa média de retroflexo entre os residentes de bairros mais centrais é de 21,0%, enquanto que entre aqueles de bairros mais periféricos é de 42,8%. Na leitura da lista de palavras (Tabela 8), os residentes mais jovens de bairros mais centrais apresentam uma taxa drasticamente mais baixa da pronúncia retroflexa – 2,4% –, enquanto os jovens de bairros mais periféricos mantêm uma taxa relativamente alta da variante – 38,3% –, acima ainda da média geral da comunidade (33%).

O que essas análises podem dizer sobre o grau de prestígio/estigma das variantes em São Paulo? Por um lado, o fato de que o retroflexo é favorecido por residentes de bairros mais periféricos, menos escolarizados, com menor mobilidade e do sexo masculino aponta, em princípio, para o seu es-

tigma na comunidade ou, ainda, para um “prestígio encoberto” (TRUDGILL, 1974; CHAMBERS, 1995). Esse conceito, de fato, costuma ser empregado em estudos sociolinguísticos para explicar a produtividade ou a persistência de formas não padrão. Não se questiona, aqui, a sua validade. No entanto, ainda há poucos estudos que se dedicam a uma análise mais aprofundada do modo como os falantes percebem e avaliam diferentes formas em alternância em uma comunidade (MENDES; OUSHIRO, 2012) e se, de fato, as categorias empregadas pelo pesquisador coincidem com aquelas dos falantes na língua em uso.

A existência de movimentos divergentes dentro da comunidade, em si, pode ser um indicativo de que as identidades que se estabelecem com as pronúncias variantes vão além de binômios como “estigmatizado/não estigmatizado”, “padrão/não padrão”, “prestígio ‘aberto’/prestígio encoberto”. Ademais, a produtividade do retroflexo entre falantes nativos da cidade permite questionar a sua associação exclusivamente a um falar “caipira” ou de pessoas provenientes do interior do estado, e permite associá-lo a certas identidades sociais urbanas. De fato, certos informantes chegam a associá-lo diretamente com habitantes de periferia, consoante com os resultados da análise de correlação com o grupo de fatores Região de Residência:

- (6) D1: *e o que você acha de da frase assim “a porta [tepe] está **aberta**?” [tepe]*
S1: *nossa! (vo)cê tinha que ver meu sobrinho falando ele tem cinco anos... nossa ele é paulistano nato nato mesmo... é tipicamente de paulistano né?... [...]*
D1: *você acha que pra todos os bairros de São Paulo eles falam assim?...*
S1: *não*
D1: *não?*
S1: *não...*
D1: *que diferenças assim (vo)cê acha que existem?*
S1: *no érre principalmente... “certo”... [retroflexo] “certo” [retroflexo] entendeu?*
D1: *uhm (vo)cê acha que bairros eles falam assim?...*
S1: *periferia*

- D1: *periferia?*
 S1: *periferia* (Felipe L., M1MC)
 (7) S1: *porque o pessoal muito afastado... da periferia eles... o érre deles parece com o do interior... muitos falam o “porque” [retroflexo] ... eu observo em programa de televisão por exemplo que que (vo)cê vê pessoal de bairros afastados* (Iara S., F3SC)

Por outro lado, a variante tepe pode se associar não apenas a características como maior nível de escolaridade e melhor classe social, mas também com estereótipos correlatos de alienação social e frivolidade. Observem-se, nesse sentido, as descrições da informante Thaissa B., residente de um bairro mais periférico:

- (8) S1: *eu tinha uma uma amiga que morava aqui na rua... e ela (es)tá morando... um pouco mais pra frente não muito distante daqui mas os contatos delas são todas assim meninas bem de classe média assim daquele tipo que... as pessoas chamam de “patricinha”... então ela fala assim mesmo sabe do tipo... “meu es(tá) ruim isso (es)tá ligado tipo” é assim que ela fala e antes aqui ela não falava assim né é uma coisa assim... que parece que o meio formou ela totalmente... é diferente mesmo* (Thaissa B., F1SP)

Em (8), Thaissa B. define “patricinhas” como “meninas de classe média” e enxerga pejorativamente a mudança no modo de falar de uma amiga do bairro que passou a conviver com pessoas de classe social mais alta. Adiante, a mesma falante associa a categoria “paty” ao tepe, em contraposição ao retroflexo como uma forma de identidade “local”:

- (9) D1: *o que você acha desse modo de falar [...] “a porta [tepe] (es)tá aberta” [tepe]?*
 S1: *ah coisa de paty*
 D1: [risos]
 S1: *“a porta [tepe] (es)tá aberta” [tepe] é coisa de paty... “a porta [retroflexo] (es)tá aberta” [retroflexo] é mais... o érre é diferente*
 D1: [risos]
 S1: [falando com voz mais grave:] *“que aqui o esquema é outro... certo?” [retroflexo] [risos]* (Thaissa B., F1SP)

Thaissa B. faz uso das expressões “esquema” e “certo”, esta última com pronúncia retroflexa, para fazer alusão a duas identidades sociais: uma “da periferia”, possivelmente associada aos “manos” – prototipicamente, jovens de periferia que se filiam ao movimento hip hop (ver p.ex. BENTES; RIOS, 2006) – em contraposição às “patys”. Nesse trecho, as identidades associadas às variantes retroflexa e tepe são novamente paralelas aos resultados das análises dos grupos de fatores: há uma relação entre falantes do sexo masculino residentes de bairros mais periféricos e o retroflexo, e falantes do sexo feminino de bairros mais centrais e o tepe. Contudo, pode-se inferir que o valor “negativo”, neste caso, é atribuído ao tepe, visto que ele se associa ao “outro”.

Não se pretende dar a entender, aqui, que todos os jovens residentes de periferia se identificam como “manos” e “minas”, tampouco que todos os jovens de bairros mais centrais se identificam como “patricinhas” e “mauricinhos”. Trata-se de estereótipos sociais que se associam a certos valores e que podem, indiretamente, atuar na seleção (inconsciente) que grupos de falantes fazem de variantes particularmente sujeitas a avaliação social. O forte contraste entre as tendências de pronúncia de (-r) por parte dos falantes de primeira faixa etária, a depender de seu local de residência (e, possivelmente, a depender de sua classe social) parece indicar que tanto o retroflexo quanto o tepe associam-se a valores positivos e negativos, que podem ser adotados ou rejeitados a partir de certo ponto de vista social. As observações aqui delineadas abrem caminho para novos estudos que se preocupem com análises mais detalhadas sobre as relações entre identidades sociais e usos linguísticos, bem como sobre os mecanismos de adesão ou resistência a certas normas linguísticas por parte de diferentes grupos sociais.

Considerações finais

Este artigo apresenta uma análise quantitativa da pronúncia variável de (-r) como tepe ou retroflexo na cidade de São Paulo a partir de um *corpus* sincrônico, robusto e representativo da comunidade. Os resultados mostram que a variante retroflexa é relativamente produtiva entre paulistanos, uma vez que ocorre em cerca de um terço (32,9%) dos casos nos contextos em que alterna com o tepe no português paulistano. Linguisticamente, a variante retroflexa é favorecida quando precedida de vogal [-alta], seguida de consoante [coronal], em verbos, em sílabas tônicas e em final de palavra. Socialmente,

a pronúncia retroflexa é favorecida por residentes de regiões mais periféricas, com menor mobilidade geográfica, menos escolarizados, do sexo masculino e pertencentes a famílias menos enraizadas na cidade.

No quadro geral, verificou-se um movimento, em tempo aparente, em direção do retroflexo. Parece prematuro afirmar que há de fato uma mudança em curso, uma vez que o seu encaixamento social não é paralelamente distribuído na comunidade e pelo fato de que nem todos os grupos de falantes mais jovens apresentam tendências opostas aos mais velhos. Com efeito, a estabilidade ou instabilidade de determinado fenômeno variável é melhor avaliada através de uma análise que conjugue observações no tempo aparente, como a que se reporta aqui, e observações no tempo real, com *corpora* de diferentes períodos de tempo (PAIVA; DUARTE, 2003). No escopo sincrônico deste trabalho, a observação de movimentos contrários dentro da comunidade, por parte de diferentes grupos sociais, permite uma visão mais detalhada do encaixamento social das variantes de (-r) e pode trazer luz à discussão sobre o papel do valor social das variantes em processos de variação e mudança.

OUSHIRO, Livia; MENDES, Ronald Beline. Variable (-r) in Paulistano Portuguese. **Revista do GEL**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 66-95, 2013 [2011].

ABSTRACT: *Based on Variationist Sociolinguistics theory and methods (LABOV, 2006 [1966]), this paper presents a multivariate analysis of variable (-r) as a tap or a retroflex in a contemporary, robust corpus of Paulistano Portuguese (102 sociolinguistic interviews). The data distribution reveals that the current rate of the retroflex variant is around 33% in the speech of Paulistanos born and raised in the city. Among the linguistic factors, results show that the retroflex is favored when preceded by [-high] vowels, followed by [coronal] consonants, in verbs, stressed syllables, and in word final position; among the social factors, the retroflex is favored by men who live in suburban areas, with less geographical mobility, lower levels of education, and whose families have migrated to the city more recently. Apparent time analyses (LABOV, 2001a) suggest a possible change in progress in favor of the retroflex variant, but there is evidence of opposite movements within the community. We focus on the discussion of social factors, in order to assess how prestigious/stigmatized each variant is, the social identities associated with them, and their role on processes of language variation and change.*

KEYWORDS: *Variationist Sociolinguistics. Paulistano Portuguese. Post-vocalic (-r). Identity.*

Referências

- BOURDIEU, P. **Language and Symbolic Power**. Cambridge: Polity Press, 1991.
- BENTES, A. C.; RIOS, V. “Razão e Rima”: Reflexões em torno da organização tópica de um rap paulista. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, n. 48, v. 1, p. 115-124, 2006.
- BRANDÃO, S. F. Nas trilhas do –R retroflexo. **Signum: Estudos Linguísticos**, Londrina, n. 10, v. 2, p. 265-283, 2007.
- BRESCANCINI, C.; MONARETTO, V. N. O. Os róticos no sul do Brasil: panorama e generalizações. **Signum: Estudos Linguísticos**, Londrina, n. 11, v. 2, p. 51-66, 2008.
- CALLOU, D. M. I. **Variação e distribuição da vibrante na fala urbana culta do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: PROED-UFRJ, 1987.
- CALLOU, D. M. I.; MORAES, J.; LEITE, Y. Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /r/ no português do Brasil. In: KOCH, I. (Org.) **Gramática do português falado**. v. 6. Campinas: UNICAMP, 1996. p. 465-493.
- _____. Apagamento do R final no Dialeto Carioca: um estudo em tempo aparente e tempo real. **DELTA**, São Paulo, v. 14, 1998. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501998000300006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 05 dez. 2010.
- CHAMBERS, J. K. **Sociolinguistic Theory**. Linguistic variation and its social significance. Oxford: Blackwell, 1995.
- CHESHIRE, J. Sex and Gender in Variationist Research. In: CHAMBERS, J.K.; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (Org.) **The Handbook of Language Variation and Change**. Malden, MA: Blackwell, 2004. p. 423-443.
- CLEMENTS, G.N.; HUME, E. V. The Internal Organization of Speech Sounds. In: GOLDSMITH, J. A. (Ed.) **The Handbook of Phonological Theory**. Blackwell, 1995. p. 245-306.
- CRISTÓFARO SILVA, T. **Fonética e Fonologia do Português**. Roteiro de Estudos e Guia de Exercícios. 9. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2007.
- GUY, G. R.; ZILLES, A. **Sociolinguística Quantitativa**: instrumental de análise. São Paulo: Parábola, 2007.
- HORNIK, K. **R FAQ**. 2011. Disponível em <<http://cran.r-project.org/doc/FAQ/R-FAQ.html>>. Acesso em: 24 jul. 2011.

HOFFMAN, M. F.; WALKER, J. Ethnolects in the city: Ethnic orientation and linguistic variation in Toronto. **Language Variation and Change**, Cambridge, n. 22, p. 37-67, 2010.

IPEA. **Comunicados do IPEA**. n. 115 – Perfil dos migrantes em São Paulo, 2011. Disponível em <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/comunicado/111006_comunicadoipea115.pdf>. Acesso em: 16 nov 2011.

LABOV, W. Contraction, deletion, and inherent variability of the English copula. **Language** Rochester, NY, n. 45, v. 4, p. 715-762, 1969.

_____. **Principles of Linguistic Change: social factors**. Oxford: Blackwell, 2001a.

_____. The anatomy of style-shifting. In: ECKERT, P.; RICKFORD, J. R. (Ed.) **Style and Sociolinguistic Variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001b. p. 85-108.

_____. **The Social Stratification of English in New York City**. 2. ed. New York: Cambridge University Press, 2006 [1966].

LEITE, C. M. B. **O /R/ em posição de coda silábica no falar campineiro**. 201 f. 2010. Tese (Doutorado em Linguística) – Unicamp, Campinas, 2010.

MENDES, R. B. **Sounding Paulistano: Variation and Correlation in São Paulo**. Trabalho apresentado no NWAV39, 2010.

MENDES, R. B.; OUSHIRO, L. **Production and Perception of Retroflex –r in São Paulo Portuguese**. Trabalho apresentado no VaLP2011 - Chester, Inglaterra, 2011.

_____. Percepções sociolinguísticas sobre as variantes tepe e retroflexa na cidade de São Paulo. In: HORA, D.; NEGRÃO, E. V. (Org.) **Estudos da Linguagem: Casamento entre temas e perspectivas**. João Pessoa: Ideia, 2012. p. 262-281.

MILROY, L. Social Networks. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (Org.) **The Handbook of Language Variation and Change**. Malden, MA: Blackwell, 2004. p. 549-572.

OLIVEIRA, J. M. **O apagamento do /R/ implosivo na norma culta de Salvador**. 80 f. 1999. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, 1999.

OUSHIRO, L. Analyzing (-r) with R. In: MELLO, H.; PETTORINO, M.; RASO, T. (Org.) **Proceedings of the VIIth GSCP International Conference**. Speech and Corpora. Firenze: Firenze University Press, 2012. Disponível em <<http://store.torrossa.it/pages/ipplatform/itemDetails.faces>>. Acesso em: 03 mai. 2013.

PAIVA, M. C. de; DUARTE, M. E. L. (Org.) **Mudança Linguística em Tempo Real**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2003.

PIMENTEL, R. M. **A variação linguística do fonema /r/ na posição pós-vocálica**. 105 f. 2003. Dissertação (Mestrado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2003.

ROBINSON, J.; LAWRENCE, H.; TAGLIAMONTE, S. **GoldVarb 2001**. A multivariate analysis application for Windows, 2001. Disponível em: <<http://privatewww.essex.ac.uk/~patrickp/lg654/GoldVarb2001forPCmanual.htm>>. Acesso em: 06 abr. 2012.

RODRIGUES, A. C. S. Fotografia sociolinguística do português do Brasil: o português popular em São Paulo. In: CASTILHO, Ataliba T. (Ed.) **História do Português Paulista**. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem/ UNICAMP, 2009. p. 151-158.

TRUDGILL, P. **The Social Differentiation of English in Norwich**. Cambridge: Cambridge University Press, 1974.

WOLFRAM, W. Identifying and interpreting variables. In: PRESTON, D.R. (Ed.). **American Dialect Research**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1993. p. 193-221.